

A FOME: ÂNSIA OU CARÊNCIA. UMA LEITURA DAS OBRAS DE RODOLFO TEÓFILO E KNUT HAMSUN

Waldemar Rodrigues PEREIRA FILHO¹

RESUMO: Rodolfo Teófilo (1853 – 1932) e Knut Hamsun (1859 – 1952) foram fundamentais em suas respectivas tradições literárias, por razões distintas: o primeiro, brasileiro, deve ser considerado o fundador do que pode ser chamada de “literatura da fome”, subdivisão temática do regionalismo. É lembrado, também, por parte da crítica, como um dos primeiros a explorar o ambiente rural, como cenário de conflitos e dramas humanos intensos; O segundo, Nobel de Literatura de 1920, recebeu os louros da glória, na mesma medida em que teve a execração pública, por sua aproximação com o nazi-facismo. Colocou a tradição literária nórdica no mapa da grande Literatura ocidental do século XX e também explorou, a sua maneira, o *terroir* local, em sua obra mais conhecida, *Os frutos da terra*. Escreveram, em 1890, obras homônimas, *A Fome*, cada um explorando de modo distinto os limites humanos e questões como a ânsia e a carência.

Palavras-chave: Rodolfo Teófilo; Knut Hamsun; fome; cor local; *terroir*; regionalismo.

ABSTRACT: Rodolfo Teófilo (1853 - 1932) and Knut Hamsun (1859 - 1952) were fundamental in their respective literary traditions, for different reasons: the former, Brazilian, to be considered the founder of what may be called "literature of hunger" thematic subdivision of regionalism. He is also remembered by the critics as one of the first to explore the rural environment as a backdrop of conflict and intense human drama; the second author, Nobel Prize for Literature in 1920, received its laurels, the same as it was the public scorn for its closeness to the Nazi-fascism. He placed the Nordic literary tradition in the map of great Western literature of the twentieth century and also explored the way, the local *terroir*, in his most famous work, *Fruits of the earth*. In 1890, they wrote works namesake, *Hunger*, each exploring a different way of human limitations and issues such as hunger and deprivation.

Keywords: Rodolfo Teófilo; Knut Hamsun; hunger; local color; *terroir*; regionalism.

1. Rodolfo Teófilo: um cearense

Rodolfo Marcos Teófilo nasceu na Bahia, mais precisamente em Salvador, em 1853. Tal informação, confrontada com o subtítulo acima já cobriria de descrédito ou, no mínimo, colocaria em dúvida a acuidade dos dados aqui apresentados. O fato é que, apesar de baiano de nascimento, era, segundo suas próprias palavras “cearense por opção” (Lira Neto, 1999, p. 80). O Ceará era, para o escritor, uma questão vital. Tinha adoração pelo estado e por tudo que pudesse ser relacionado a ele. Essa paixão transparece em sua obra. Seus contos, romances, crônicas, novelas, além de obras de Historiografia e memórias têm o Ceará como tema, ambiente e, em alguns momentos, personagem.

¹ Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CnPq – do Programa de Pós-graduação, doutorado, no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL/Unicamp.

Farmacêutico de profissão, Teófilo teve a Literatura como parte importante de sua vida. Publicou obra vasta, composta por romances, poesia, contos, crônicas, crítica literária, além de livros didáticos e de Historiografia. Filiou-se à *Padaria Espiritual*, sociedade literária fundada em 1892, em Fortaleza, conhecida pela irreverência, pelo tom crítico e por tratar seus membros por “padeiros” e seu periódico por “O pão”, sendo que cada número era chamado de “fornada”. O membro mais ilustre da confraria foi Adolfo Caminha, que se tornaria desafeto de Teófilo (Miguel-Pereira, 1957, p. 126), por conta de uma crítica dirigida justamente contra *A fome*, romance, até então, de maior impacto do escritor. Sua produção literária sofreu grande influência do naturalismo e das teorias positivista, determinista e evolucionista, além da chamada “escola do Recife”. Apesar disso, pode-se entrever arroubos românticos, principalmente na construção de personagens, grandiloqüentes e de moral ilibada ou em uma visão muitas vezes maniqueísta e ingênua das relações humanas. Seu estilo é pesado, denso, em alguns momentos considerado “de mal gosto”, por boa parte da crítica.

2. A crítica e a recepção: preconceito e permanência

A crítica e a recepção da obra são, em certo sentido, aspectos importantes para se compreender o lugar que Teófilo não ocupou na Literatura brasileira. Desde o primeiro momento, apesar do impacto que obras como *A fome* (1890) e *Os Brilhantes* (1895) causaram, houve certo repúdio, certa “má-vontade”, para com a forma com que o autor cearense se expressava. Seu estilo, considerado “pesado” e de “mau gosto”, bem como sua fidelidade aos princípios cientificistas, acabaram por condená-lo a uma espécie de isolamento, já bastante importante, devido a sua origem e ao seu local de residência. O Ceará era, então, um lugar distante, uma província longínqua e inexpressiva, principalmente no que dizia respeito às letras nacionais. Seu filho mais ilustre, José de Alencar, político e jornalista, vivia no Rio de Janeiro e há muito tempo não se identificava mais o *terroir* (se é que se pode dizer que, algum dia, identificou-se). Teófilo, por sua vez, fazia questão de demarcar a cor local em cada uma de suas obras, como condição para o próprio desenvolvimento da trama. Não há um escrito do autor que fuja a essa regra. São jagunços, retirantes, curandeiros, feiticeiros, coronéis, enfim, todo um conjunto de figuras locais que identificam e isolam o ambiente.

Uma das primeiras autoras a se ater à obra de Teófilo, de forma mais detida foi Lúcia Miguel Pereira, em seu *Prosa de ficção – 1870 a 1920*, de 1957. Até então, salvo ocorrências eventuais em compêndios de literatura dedicados a autores ditos regionais ou, especificamente, cearenses, não há menção à obra Rodolfo Teófilo, como um todo, exceção feita a *A fome*, livro que causou furor nos círculos literários, mesmo da corte, tendo sido

recebido com “palmas estrondosas”, segundo o próprio desafeto do autor, Adolfo Caminha, em suas *Cartas literárias* (Caminha, 1895, pp. 139-145, in Miguel Pereira, 1957, p. 135), por conta do estilo pesado e da denúncia social. Lúcia Miguel-Pereira não poupou adjetivos depreciativos, para se referir à obra de Teófilo. Ao analisar alguns dos livros do escritor cearense, sentencia: *Outro escritor que teve a sua fama na época, Rodolfo Teófilo, encontrou no pedantismo o seu defeito dominante.* (Miguel Pereira, 1957, p. 135). E segue na mesma linha argumentativa, dizendo que *...o desejo de exhibir conhecimentos científicos lhe tornou o estilo, já em si empedrado e baço, comicamente desajeitado para a ficção, e privou suas personagens da fraca vitalidade que possuíam.* (op. cit.).

Também os críticos Massaud Moisés, em seu *História da Literatura brasileira: Realismo e Simbolismo* e Alfredo Bosi, em *História concisa da Literatura brasileira*, oscilam entre simplesmente repetir o juízo de Miguel Pereira, no caso de Massaud Moisés, ou elencar Teófilo como “mais um” entre os muitos “regionalistas influenciados pelo Naturalismo”. Moisés classifica algumas cenas de *A fome*, de “monótonas” dizendo, (...) *E porque monótono o espetáculo que oferece, desenrola-se à luz escaldante de cansativas repetições. Repetições de cenas horripilantes, onde (sic) o gosto duvidoso se casa a um verismo que se diria masoquista* (Moisés, 2001, p. 70). Alfredo Bosi limita-se, como se disse, a elencar Teófilo. (...) *A fome (1890), Os Brilhantes (1895) e O paroara (1899), de Rodolfo Teófilo, livros atulhados do jargão científico do tempo, mas que valem como retorno literário ao pesadelo da seca e da imigração.* (Bosi, 1999, p. 195). Pode-se notar que em Bosi há uma certa “concessão” à Teófilo, no sentido de classificar sua obra como “literária”, o que não acontece com Miguel Pereira nem com Moisés. Ambos são categóricos ao dizer que a obra de Teófilo, em linhas gerais, é uma mixórdia de relatos da seca, na maioria das vezes de mau gosto, escritos em linguagem mal elaborada.

Pode-se dizer que há um espécie de “resgate” de Teófilo em José Aderaldo Castelo, em seu *A Literatura Brasileira: origens e unidade* e, mas recentemente, em Luís Bueno, em *Uma História do romance de 30*. Castelo chega a tecer elogios à obra do autor cearense, ao dizer que (...) *Assim também Rodolfo Teófilo, porém mais completo e mais rico, ao focalizar desde a transumância desagregadora de emigração, dramatizando-a e acentuando situações macabras conseqüentes da fome em romances como A Fome, Os Brilhantes, Maria Rita, O Paroara* (Castelo, 1999, p. 408). O mesmo crítico, na obra citada, já fala da “grande contribuição” de Teófilo, para a visão regionalizada, colocando-o ao lado de Manuel de Oliveira Paiva, Domingos Olímpio, Araripe Júnior e Afonso Arinos (p. 406, op. cit.). Em *História do romance de 30*, Luís Bueno também faz menção ao autor, sem, entretanto, emitir

juízo tão severo em relação à obra de Teófilo. O crítico analisa o fato de *A Fome* ter como protagonista um produtor rural, de família tradicional do sertão, analisando as implicações desse fato, no sentido de contrapô-lo à situação dos demais romances “da seca”, que têm nos “pobres” suas personagens mais comuns, sendo certo, porém, que enquanto a personagem de Teófilo é individualizada, os “indigentes” aparecem “em bandos” (Bueno, 2006, p.87).

Ainda no âmbito de uma crítica mais atual, ainda pode-se dizer que ecoa o juízo emitido por Lúcia Miguel Pereira. Em seu *A tradição regionalista no romance brasileiro – 1857 – 1945*, José Maurício Gomes de Almeida reverbera a idéia de que Teófilo teria produzido uma obra de “mau gosto”. Dá, entretanto, ao autor cearense, o destaque por ter sido o primeiro a tematizar a fome. Diz o crítico que (...) *Do ponto de vista meramente cronológico, um outro romancista cearense teria a primazia: Rodolfo Teófilo, que publica A Fome, em 1890. Primazia, dizemos, estritamente cronológica.* (ALMEIDA, 1999, p. 131). Quando, porém, inicia a análise propriamente dita da obra, o crítico não poupa, novamente, Teófilo.

Esteticamente, constitui uma mistura indigesta da tendência cientificista do Naturalismo – levada aos últimos excessos, inclusive a uma morbidez grotesca – com a pior herança do melodrama folhetinesco do Romantismo. Tudo isso alimentado por uma intenção indisfarçada de libelo político, que leva o narrador a intervir a todo o momento na obra para invectivar o descaso dos poderes públicos. Como obra literária, o valor do romance é reduzido; permanece apenas enquanto documento histórico e estético da época. (Almeida, 1999, p. 132)

Além da repetição incansável da visão “belletrista” de Miguel Pereira, já repetida por Moisés e Bosi, o que se depreende da análise de Almeida é certo preconceito, uma espécie de verdade absoluta, criada por ícones da crítica, que não podem ser confrontados. Há, inclusive, uma confusão entre conceitos de “literatura” e “documento estético”, pois não fica claro em que medida um não é sinônimo do outro. Aliás, segundo Antônio Cândido, em *Vários escritos*, de 1995, (...)“*literatura, da maneira mais ampla possível, (são) todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde do que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações*” (Candido, 1995, p. 242). Discutir se a obra de Teófilo é ou não Literatura, por seu caráter documental e historiográfico soa, no mínimo, anacrônico e despropositado.

Em *Dias idos e vividos*, coletânea de textos de José Lins do Rego, organizada por Ivan Junqueira e publicada em 1981, há mais um exemplo da permanência do nome de Teófilo, como elemento de vanguarda, na medida em que é reconhecido como precursor de um tipo de

Literatura, que se pode convencionar chamar de “da seca” ou “da fome”. O escritor paraibano cita o autor cearense, juntamente com outros de seu tempo, e comenta que *teremos que tomá-los a sério pelo tenaz esforço que fizeram para fixar a expressão de nossa realidade*.

Algumas das principais críticas à obra de Rodolfo Teófilo dizem respeito ao fato desta ser “extremamente real”, muito “presa” ao cientificismo, “pedante”, na linguagem e, principalmente, de extremo “mau gosto”. Todos esses “defeitos”, entretanto, não impediram que o autor figurasse em diversos compêndios de Literatura, seja no âmbito regional, seja no nacional. Além disso, de uma forma ou de outra, ele foi sempre lembrado, apesar do suposto gosto duvidoso de suas descrições, como um elemento importante na criação de uma Literatura que individualiza uma determinada região e uma realidade genuinamente brasileiras. Em *Estética da fome*, espécie de manifesto publicado em 1965, Glauber Rocha defende a idéia de que a fome, em última instância, “nos individualiza”. O cineasta chega a defender uma posição, em certo sentido, antropofágica, ao dizer que (...). Assim, *somente uma cultura da fome, minando suas próprias estruturas, pode superar-se qualitativamente: e a mais nobre manifestação cultural da fome é a violência*. Este viés revolucionário das palavras de Glauber Rocha, tem suas raízes em Teófilo. Não que o escritor cearense pregasse a luta armada, ou a tomada do poder pelos miseráveis e indigentes. Ele era, antes de tudo, um legalista. Pode-se dizer, inclusive, um conservador, em certo sentido. Mas a postura de vida do autor foi, em muito, suplantada por sua obra. Os livros, principalmente *A Fome*, criam uma atmosfera de tamanho abandono e desespero, que a conclusão natural, diante da inoperância do estado e do descaso dos poderosos, é a revolta, como única solução cabível. Se vistos, também, como documentos históricos, como testemunhos de um tempo de injustiça e ignomínia, os livros de Teófilo ganham uma dimensão política sem tamanho.

Pode-se concluir, portanto, que, além do valor literário propriamente dito, atestado por mais de uma voz da crítica, pelo ineditismo e pela forma firme de tratar os temas (fato que acaba por agradar a alguns e desagradar a outros...), Rodolfo Teófilo merece um resgate na História da Literatura, pelo valor histórico documental de sua obra, pela visão privilegiada dos eventos por ele testemunhados, pelo posicionamento firme com que se colocou contra as injustiças de seu tempo e por ser uma espécie de “iniciador” do que viria a ser conhecido por Literatura do *terroir*, uma espécie de inventor de uma forma de se ver a cor local, no seu caso específico, sem filtros e com extremas autonomia e sinceridade.

3. Knut Hamsun: o *terroir* do extremo norte da terra

Knut Hamsun nasceu em 1859, em Gudbrandsalen, região central da Noruega. Praticamente não teve educação formal e aprendeu a ler e escrever tendo contato com livros que conseguia, emprestados, ocasionalmente. Viveu muito tempo no campo, em lugares afastados da civilização. Teve, também, a experiência de morar em uma cidade distante apenas 150 quilômetros do Círculo Polar Ártico, o que lhe valeu, segundo seus biógrafos, momentos de profunda reflexão e isolamento. Revelou-se desde cedo um escritor profícuo e já aos 18 anos publicou o primeiro do que viria a ser uma vasta obra (seu último livro publicado em vida saiu quando o autor contava 90 anos). Morou, também, Christiania (atual Oslo, capital do país), onde teria vivido as experiências de privação que seriam, mais tarde, objeto de seu livro *A Fome*. Também imigrou para os Estados Unidos, além de “vagar” por outros países europeus. Do confronto entre sua experiência no campo e sua vida cosmopolita, da luta pela sobrevivência em locais inóspitos e da dificuldade, inicial, de firmar como autor (o escritor norueguês Bjørnstjerne Bjørnson (1832 – 1910) o aconselhou a se tornar ator) nasceu um autor de visão aguçada, posições políticas fortes e controversas e estilo que varia de um lirismo profundo, na descrição de cenas familiares ou campestres, como em *Filhos da terra*, de 1920 (livro que lhe daria o Nobel de Literatura), a uma visão cáustica, às vezes cínica, da existência, como o narrador de *A Fome*, obra de 1890, a mais conhecida do autor.

A obra de Hamsun foi bem recebida, no Brasil, e circulou de modo satisfatório. Há menções sobre o autor em diversas obras críticas. Em artigo escrito em 1935, intitulado *Espécie de História Literária*, publicado em *Gordos e magros* e reunido na obra póstuma *Dias idos e vividos*, de 1981, em que ataca o modernismo paulista e defende a originalidade e aspecto vanguardista de Gilberto Freyre, José Lins do Rego tece o seguinte comentário, sobre o autor:

Criticar o romance porque ele exprime a desgraça de uma região, de uma porção de humanidade, é querer conduzir a criação para o puro artificialismo gramatical. Deram o Prêmio Nobel de Literatura a Knut Hamsun porque o povo das aldeias e dos campos escandinavos através do seu lirismo abriu as esperanças e as suas desgraças ao mundo. Ninguém mais local do que ele, mas restrito à sua terra e ao humano do seu país. (Rego, 1981, p. 98)

A produção literária de Hamsun é, como se disse, bastante profícuo. Em 1920, já consagrado e com sua obra circulando pelos círculos literários europeus e norte-americanos de forma regular e em inglês, o autor ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, por *Os frutos da terra*. Na obra, uma espécie de “Fabiano” (personagem de Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, de 1928), enfrenta as intempéries e dificuldades de uma terra inóspita, constitui família,

literalmente “arranca” da terra seu sustento e sua superação. Ao contrário da personagem da obra do autor brasileiro da chamada *geração de 30*, a luta é vencida pelo homem, e não pelo meio. O livro funciona como uma verdadeira janela para a alma humana, das equivocadamente chamadas pessoas “simples”. O que se vê, entretanto, é uma complexidade de conflitos, sensações, sentimentos, que dão à obra uma profundidade quase épica, seja na trajetória propriamente dita das personagens, seja na percepção do meio e na influência do *terroir* na formação de cada um. Plantas, animais e pessoas são “frutos da terra” e nela frutificam. O autor foi acusado, por conta da publicação dessa e de outras obras com visão de mundo semelhante, a aderir ao ideário nazista, de pureza e superioridade da raça ariana (tudo indica que *Isak*, protagonista de *Frutos da terra*, não teria conseguido superar as dificuldades se não fosse, também, um fruto daquela terra...), trabalho árduo e incansável, além do respeito a uma ordem organizacional metódica e legalista. Isso somado ao fato do autor declarar-se abertamente, favorável à ocupação alemã na Noruega, durante a Segunda Guerra Mundial, bem como colocar-se como um admirador de Adolf Hitler, figura que ele considerava *um profeta da boa-nova da justiça para todas as nações*, nos termos do obituário publicado em 7 de maio de 1945, uma semana após a morte do ditador alemão.

Essa mistura de visão política extrema, conservadora e, certamente, pouco popular no meio intelectual europeu e mundial, redeu a Hamsun posições que oscilaram entre a sagração, com o Nobel de 1920, à execração, com uma condenação judicial, em 1945. Sua esposa chegou a ser presa e o casal teria se acusado mutuamente, mas o autor nunca deixou de defender suas posições, tendo feito publicar, em 1949, o livro *Caminhos Vigados*, em que explica sua trajetória de vida e seu engajamento político. Quanto ao estilo, pode-se dizer que Hamsun conquistou lugar de destaque entre os grandes da primeira metade do século XX, sendo comparado a nomes como o de Thomas Mann, que, ao receber o prêmio, em 1929, declarou que Hamsun, *continuador de Fiodr Dostoievski, é o melhor escritor de sempre*.

4. A fome: ânsia e carência em duas obras periféricas

Não se pode negar, tanto em relação a Hamsun, quanto em relação a Teófilo (certamente mais em relação a este, do em relação àquele), que se trata de escritores “periféricos”. Senão pelos respectivos países de origem, muito mais consumidores do que produtores de grandes obras do cânone ocidental, também pelos idiomas, de pouca ou nenhuma expressão na cena literária mundial. O fato é que em no que tange a Teófilo, tudo se complica ainda mais, pois a recepção de sua obra foi cercada de preconceito e má-vontade, por parte da crítica. Autor “regional”, *escritor ruim*, teria produzido *imagens de extremo mau*

gosto. Hamsun, apesar de alguma dificuldade, alcança projeção importante, atingindo o máximo que pode esperar um escritor, ao ser laureado com o Nobel. Apesar disso, por suas posições políticas e pela eterna dificuldade de se separar o escritor da obra, acabou relegado à posição de “escritor nazista”.

Ambos os escritores publicaram, em 1890, obras homônimas, chamadas *A fome*. Os livros são tão absurdamente diferentes, em termos de estrutura, abordagem, construção de personagens e mesmo foco narrativo (Hamsun opta por um narrador-personagem, enquanto Teófilo se vale de um narrador observador onisciente), que acabam por se tocar no que têm de mais original, ao menos até então. A fome, sensação, não era novidade. A carestia sempre fora uma realidade no mundo, desde tempos imemoriais. Em alguns casos, como no do Brasil, há quem defenda que a fome é o que nos individualiza, pois nos reconheceríamos na carência, muito mais do que na abundância. Apesar de algo natural e extremamente real na vida humana e, portanto, passível da apropriação que a Arte em geral faz de temas tão “comuns”, a fome só passa a aparecer sistematicamente na Literatura a partir do cientificismo naturalista, no final do século XIX. Antes disso, há notícia de algumas novelas medievais, normalmente de caráter fabuloso, bem como de alguns textos do XVII e XVIII. Tudo muito esparso e sem a força necessária para criar ecos. É só no final do XIX que o tema ganha relevo, sendo trabalhado por autores como Tchekov, Zola e outros.

A narrativa de Teófilo possui dois méritos incontestes, apontados pela crítica recente: é o primeiro livro a trabalhar o tema no Brasil, fazendo-o de forma intensa e dramática. Não há rodeios nem floreios, pois o tema em si pede uma abordagem respeitosa. O autor está se apropriando de fatos da vida real que reduzem os seres a uma condição subumana. O drama da seca, do abandono e da miséria é, ao final, um fato real. É, talvez, nesse sentido que Teófilo não tenha conseguido ganhar muitos admiradores, no momento em que produziu sua obra, pois esta possui um caráter científico, historiográfico e político que não era aceito na época. É natural, também, que com o passar do tempo, a crítica passe a reavaliar sua produção, colocando-a em uma posição de destaque, pelo ineditismo, pela coragem e, ironicamente, pelos mesmos motivos que, outrora, ela foi taxada de “grosseira”, “insensível” ou de “mau gosto”.

Manuel de Freitas, protagonista do livro, é uma espécie de titã, um sobrevivente, caracterizado sob a mais clara influência determinista. Possui “linhagem”. Tem “origem”. Irá, portanto, vencer as agruras:

Manoel de Freitas é o seu nome. Descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão, herdara do pai modesta fortuna e

influência eleitoral na localidade. Sua educação havia sido completa para o tempo e estado do interior da província. Sabia as primeiras letras e um pouco de latim, língua esta com que os sertanejos ricos costumavam prender seus filhos. (Teófilo, 1922, p. 18).

A fibra, a força, a coragem, a honestidade, enfim, os valores arraigados no homem de origem distinta, são elementos que fazem com que Freitas vença os desafios impostos pela fome e pela peste e consiga, ao final da narrativa, após testemunhar cenas escabrosas e expor, contra sua vontade, sua família às mais terríveis privações, vencer. O livro trabalha o elemento que individualiza de modo mais particular o sertão brasileiro, infelizmente. A marca do *terroir*. A fome. Mas traz, também, um outro elemento, o da superação, fortemente ligado a certa idealização, mas que não deixa de funcionar como motivo recorrente em nossa literatura.

Em *A fome* (Hunger), também de 1890, Knut Hamsun cria uma personagem que, a primeira vista, não teria absolutamente ponto algum de contato com Manuel de Freitas. Este é homem honrado, vencedor, sabedor de suas obrigações e conhecedor de seus direitos. Age com certa empáfia, num primeiro momento, em relação aos mais humildes, mas se rende a uma visão de mundo mais humana, ao ver-se reduzido a “mais um”, em meio a tantos miseráveis. Já o narrador-personagem do livro de Hamsun, do qual o leitor não fica sabendo o nome, possui características muito mais complexas. Não é um herói, muito menos um sobrevivente, no sentido daquele que luta contra as agruras e vence. Ele é muito mais uma espécie de “errante”. Um lutador que enfrenta uma batalha contra si mesmo, contra o ambiente em que vive, não pelo inóspito, no sentido da imposição de impossibilidades, mas muito mais no sentido da inadaptação. A narrativa se inicia de um modo soturno, quase uma antecipação das privações que viriam: *It was the time I wandered about and starved in Christiania: Christiania, this singular city, from which no man departs without carrying away the traces of his sojourn there.* (Hamsun, 2003, p. 3)²

A cidade de Christiania, atual Oslo, capital do país, não era propriamente um ambiente desprovido de condições de sobrevivências. Tratava-se de uma cidade grande, cosmopolita, aberta às possibilidades. O narrador, entretanto, parece optar por viver uma vida de privações. Ele se recusa a realizar trabalhos subalternos e, finalmente, quando resolve que essa é a única solução, estes já não estão mais disponíveis. Ele quer ser escritor. Sonha produzir algo grandioso e chega, eventualmente, a vender um ou outro artigo, para o jornal local, o que o

² Edição em fac-símile da tradução de George Egerton, pseudônimo de Mary Chavelita Dune Bright, que foi casada com Hamsun e traduziu a obra em 1920.

livra de morrer de inanição, durante o rigoroso inverno. Há certa negação, diante do inevitável da vida (trabalho, responsabilidades, “mundo real”), que impele o narrador para uma vida marginal e cheia de vergonha e privação. Há uma passagem em que ele chega a dar esmola para uma senhora, para que esta não pensasse que ele não tinha condições para isso! E o fato é que, até aquele momento do dia, ele não comera nada, pois não tinha dinheiro. A cena, então, beira o ridículo, pois o protagonista vai até uma loja de penhores, deixa lá um colete, uma de suas únicas posses, e retorna, para dar o dinheiro todo à mulher.

Não se pode negar, entretanto, a vontade do protagonista da obra de Hamsun. Ele desce ao mais baixo da degradação humana, ou subumana, chegando a pensar em comer um pedaço da própria carne (coincidentemente a “autofagia” acontece na obra de Teófilo, em uma das cenas mais fortes do livro), pois a fome é extrema e ele já imagina que irá desfalecer. Em nome de sua “arte”, recusa-se a ceder aos apelos do mundo prático, ao mundo do trabalho, tão em voga momento histórico em que a obra foi publicada, com a influência da segunda revolução industrial. O espírito, entretanto, não vive sem o corpo e, ao final, derrotado pela realidade, o narrador-personagem acaba por engajar-se como marujo em um navio cargueiro, partindo Cádiz.

A natureza de *A fome*, de Hamsun, está longe de ser aquela de obras como *Frutos da terra*, ou *Pan*, que têm na cor local, no *terroir*, seu fio condutor. Nele, o autor busca trabalhar outras questões, como o limite entre a realidade prática e a idealização estética, ou a ânsia de se lutar pela imposição de uma verdade pessoal, contra todas as adversidades e provações.

Manoel de Freitas, de Rodolfo Teófilo e o narrador-personagem da obra de Knut Hamsun são, ao mesmo tempo, antípodas e complementares; são a síntese da idéia de que a exposição do ser humano à adversidade extrema, que poderia ser um fim em si mesma, nos casos em questão geram resultados que extrapolam a própria percepção da fome; o que era carência, transforma-se em ânsia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes. **A tradição regionalista no Romance Brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Edusp, 2006.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: origens e unidade**. São Paulo: Edusp, 1999, volumes I e II.

HAMSUN, Knut. **A fome**. Tradução Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Círculo do livro, 1984.

_____. **Hunger**. Tradução George Egerton. (Fac-símile da edição original) Nova Iorque: Grosset and Dunlap, 1920.

_____. **Frutos da terra**. Tradução Guttorm Hanssen. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1963.

LIRA NETO. **O poder e a peste – a vida de Rodolfo Teófilo**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

MELLO E SOUZA, Antonio Cândido. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995.

MOISÉS, MASSAUD. **História da Literatura Brasileira: Realismo e Simbolismo**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Prosa de ficção: de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

REGO, José Lins do. **Dias idos e vividos**. Org. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome – cenas da seca do Ceará**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão – Histórias das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2001.